



Roteiro de Leitura Pública

BIBLIOTECA VIRTUAL & FUTURO



Realização: Ecofuturo

Direção: Christine Castilho Fontelles

Responsável pelo projeto: Palmira Petrocelli Nascimento

Assistente do projeto: Amanda Garcia Silva

Coordenação de comunicação: Alessandra Avanzo

Assistente de comunicação: Patricia Mirabile Barbosa Banevicius

Estagiário de comunicação: Bruno Santiago Alface

Texto: Maria Betânia Ferreira - Pingo é letra

Projeto gráfico: DBeST Design Network



Material elaborado pela **Pingo é letra** para o **Instituto Ecofuturo**. As indicações para realização de leituras públicas seguem a orientação de **La Voie des Livres**, associação francesa especializada em leitura em voz alta e formação de leitores públicos.

Leitores públicos, menestréis e trovadores ou... mascates, como quiserem: juntem sua voz aos caminhos, para que os livros e as ideias circulem sempre.

No reino vegetal, a flor não dá um jeito de conseguir que suas sementes viajem em busca de novos espaços?

Será que a palavra também tem essa necessidade de se dispersar, ganhar distância da boca que a pronunciou, para reproduzir longe seu conteúdo?

Marc Roger, leitor público francês, criador da leitura do rosto escondido, em seu livro À pied et à voix haute (A pé e em voz alta), HB Éditions, França.

Amigo profissional da leitura, sintonize-se com a natureza: aproveite os ventos favoráveis da primavera que chega para começar (ou renovar, ou incrementar) um grande movimento de semeadura literária.

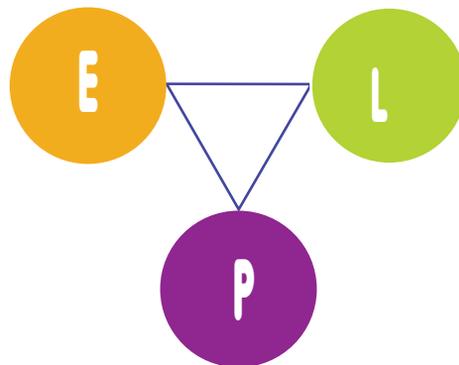
✓ **LEMBRE:**

Sua voz é a maravilhosa ferramenta capaz de operar a magia de levar os livros até mesmo a quem não sabe ler.



O escritor, o leitor e o personagem

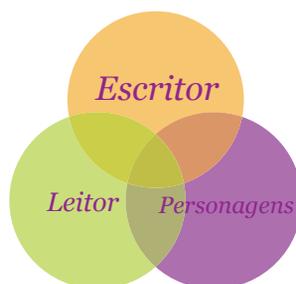
Quando lemos ficção, cria-se um vínculo triplo entre o escritor, o leitor e os personagens:



O **escritor** e o **leitor** são gente de carne e osso. Os **personagens** são imaginários. Para que a história seja plausível, o **escritor** tem que convencer os **leitores** de que os **personagens** são tão humanos quanto quem escreve e quem lê. Tem também que nos atrair para uma conversa na qual é possível comparar os fatos da vida e confessar os pontos fracos.

Cada **escritor** equilibra esses vínculos à sua maneira. Há momentos em que o **escritor** cria um **personagem** e nos faz vê-lo com os olhos de outros **personagens**. Em outros momentos, ele tem tanta certeza de que o **leitor** passeia com ele que começa a tratá-lo de “você”, e consegue fazer a gente se sentir quase participante da trama. Esse triângulo que se forma entre **escritor**, **leitor** e **personagem** pode ser a maior recompensa da leitura de bons livros. Ao preparar uma **leitura pública**, lembre-se disso.

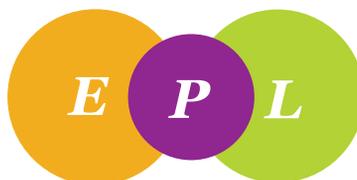
É verdade que a gente pode desaparecer nas histórias de que gosta?



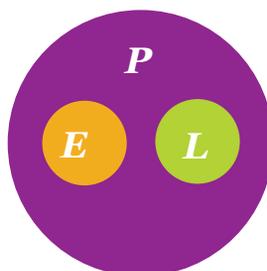
Alguns **escritores** aproximam-se tanto dos **leitores**, com isso, que o nosso esqueminha de vínculo se estreita, como no desenho acima: viram camaradas, graças a frases como estas, que aparecem em romances de Anthony Trollope, e que, no fundo, afirmam a mesma coisa (nossa humanidade):

- Quando confessamos que somos todos pecadores, confessamos também que todos nós já fizemos malvadeza.
- Nosso arqui-diácono era mundano — mas quem não é?

Há também **escritores** que “usam” os **personagens** para unir o **escritor** e o **leitor**, e conseguem comover tanto que a gente se sente abraçado:



Outros, por fim, põem o **leitor** dentro dos **personagens**, e lá vamos nós, vendo o mundo com os olhos desses seres imaginários:



Entender essas escolhas dos escritores ajuda o **leitor público** a desvendar melhor o texto que vai ler para escolher com acerto os trechos mais indicados para diferentes públicos e momentos.

Essa orientação baseia-se em ideias de Michael Lydon, autor de vários ensaios sobre literatura e professor de uma matéria apaixonante: Música da Escrita.

Um autor, um **leitor público**, um leitor-ouvinte

⇒ Quem lê em voz alta não se contenta somente em **LER**: quem lê em voz alta procura **SE COMUNICAR BEM ORALMENTE**.

Ler em voz alta é um exercício de comunicação oral.

É uma atividade complexa que exige um trabalho considerável de preparação, porque, além da mensagem do texto, existe uma mensagem sobre a própria leitura, uma **LEITURA DA LEITURA**.

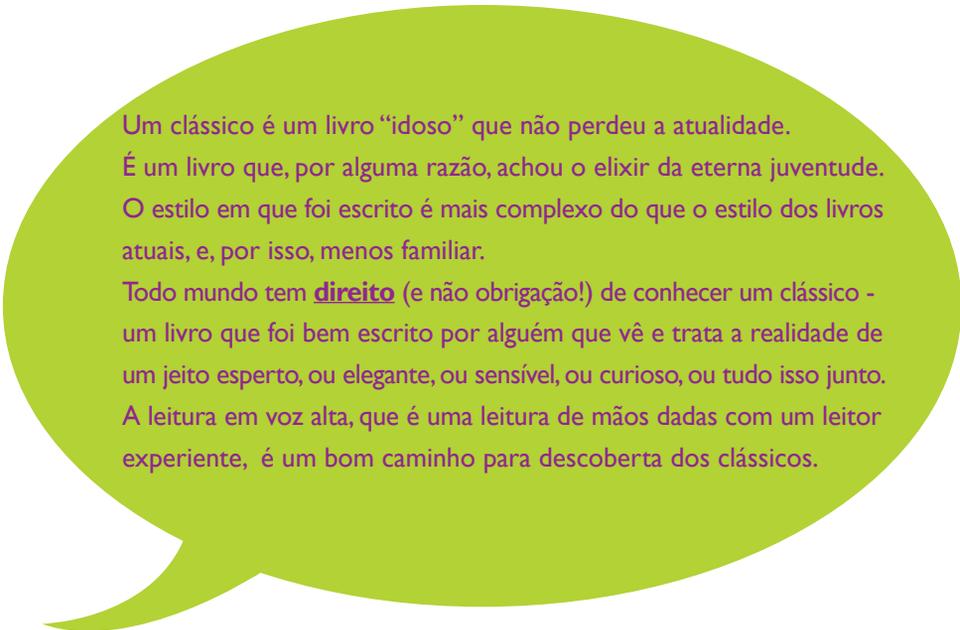
Ao assistir a uma **leitura pública**, as pessoas que têm dificuldade de leitura vivem uma experiência de **leitura fluida**. Essa situação opera uma espécie de magia: uma pessoa que, sozinha, se sente incompetente para ler bem, de repente se sente fluir em um mundo novo, em que situações, lugares e personagens ganham vida com a voz do leitor, e os "climas" e tensões nascem do ritmo e da sonoridade que o **leitor** consegue compartilhar.

Isso pode dar a essa pessoa vontade de ler, para reviver por si mesma uma experiência semelhante.



Ideias para leituras públicas

➔ **Propor a leitura de « clássicos »** (um daqueles de que todo mundo já ouviu falar, pouca gente leu e a maioria tem vergonha de confessar que nunca leu nem ouviu nem abriu nem passou perto...)



Um clássico é um livro “idoso” que não perdeu a atualidade. É um livro que, por alguma razão, achou o elixir da eterna juventude. O estilo em que foi escrito é mais complexo do que o estilo dos livros atuais, e, por isso, menos familiar. Todo mundo tem **direito** (e não obrigação!) de conhecer um clássico - um livro que foi bem escrito por alguém que vê e trata a realidade de um jeito esperto, ou elegante, ou sensível, ou curioso, ou tudo isso junto. A leitura em voz alta, que é uma leitura de mãos dadas com um leitor experiente, é um bom caminho para descoberta dos clássicos.

➔ Escolher textos que tenham a ver com questões da atualidade. Prestar atenção no que se fala no momento, entre as **pessoas**, na **televisão**, no **rádio**. Sempre tem um livro (ou um texto, artigo, ensaio) que, de uma forma ou de outra, já tratou do assunto.

➔ O interesse das pessoas é facilmente cativado quando tratamos de assuntos próximos de suas experiências. Um escritor da cidade (ou que passou por lá e escreveu sobre ela) já é um bom começo. O ouvinte vai reconhecer paisagens e comparar sua própria visão com a do autor.

➤ Nada funciona melhor que boca a boca. Convidar grupos de amigos para uma sessão de leitura pública “de encomenda” sobre temas que lhes interessem especialmente. A você, leitor público o desafio divertido de encontrar referências na literatura sobre... futebol, culinária, cordel, música, amor, criança, educação... Sem limites, como a imaginação, como o conhecimento, como a curiosidade - essas coisas que levaram o ser humano a escrever e a querer ler o que outros escreveram.

➤ Propor sessões de leitura pública a associações comunitárias, clubes, escolas, creches, associações profissionais, asilos, centros de saúde...

➤ Aproveitar festividades programadas na cidade para fazer leituras públicas (ao ar livre, antes de espetáculos, num momento do baile...). Se você escolher os textos adequados, pode abrir portas para que a leitura em voz alta vire atração.

➤ Convidar mães de bebês a trazerem seus filhos à biblioteca ou a uma praça, por exemplo, e ler em voz alta para os bebês. Não importa que eles não "entendam" as palavras: o importante é a experiência de ouvir, de ver, de ligar para sempre a ideia de “livro” com “alegria” e “trocas”. E tem mais: a importância do som das rimas e versinhos tradicionais é enorme para que uma criança desenvolva e domine a linguagem.



Passo a passo para **Leitura Pública**

Organização do local

“Todos nós nos lemos e lemos o mundo que nos cerca, para perceber o que somos e onde estamos. Lemos para compreender.” Alberto Mangel

Comece pensando em como vai acomodar as pessoas para que elas se sintam confortáveis. Público bem sentado, público quase conquistado! Para escolher o horário do encontro,

Lembre-se disto:



Barriga com fome não tem orelhas!

Nada mais difícil que conseguir atenção do público na hora do almoço ou do jantar...



Material a preparar para o evento



Divulgue o evento que você vai realizar. Cartazes, folhetos, boca a boca, use os recursos que achar mais adequados para sua comunidade.



Convide as pessoas. Na página seguinte, há uma lista de exemplos de convidados.



Exponha com destaque outros livros da biblioteca (para adultos e para crianças) e cartazes que tenham a ver com temas relacionados ao assunto da sua leitura.



Exponha em lugar especial o livro que vai ler (ou os livros de onde extraiu trechos).



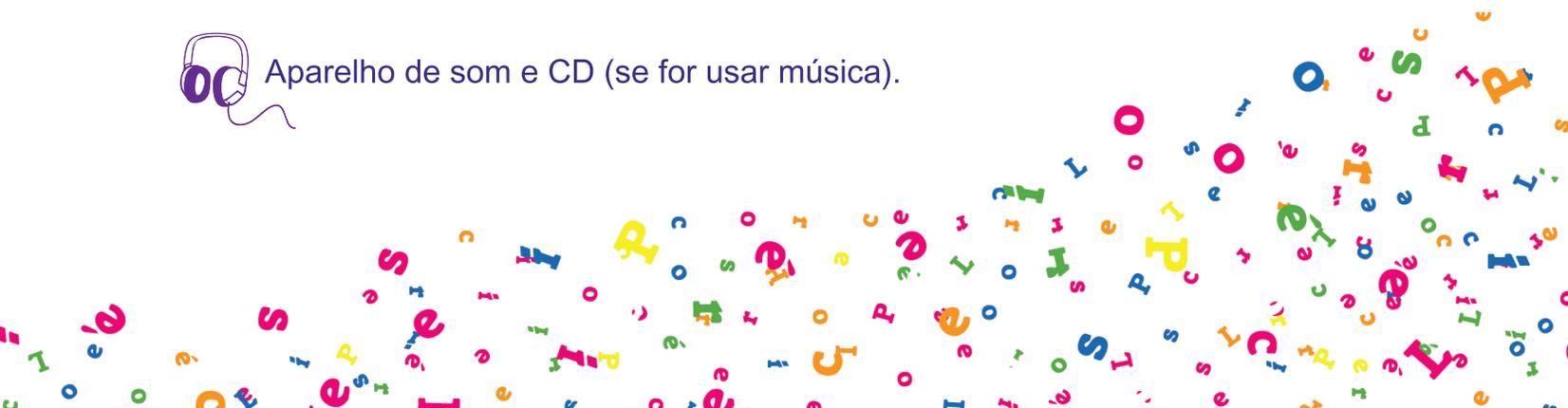
Se for possível, sempre é gostoso servir um suco e oferecer algum lanche ao público. Se não der, tenha água à disposição.

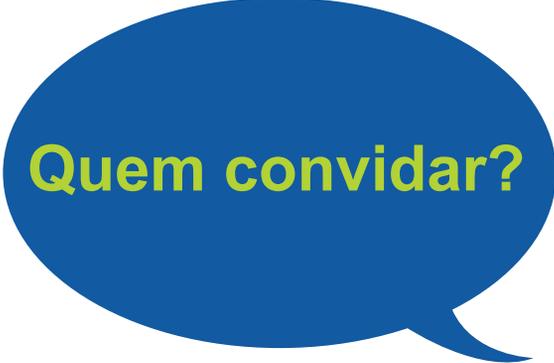


Programa de leitura: escolha os textos que vai ler, prepare o programa, digite e imprima.

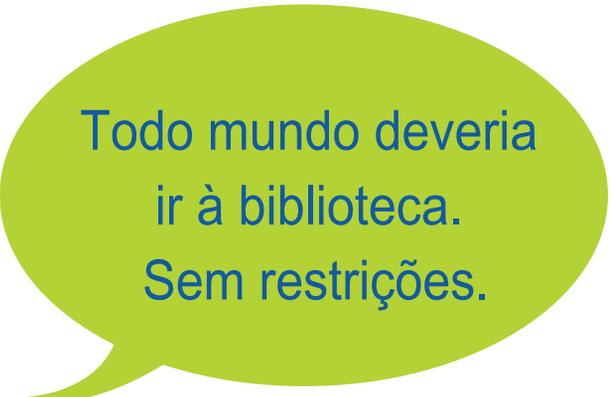


Aparelho de som e CD (se for usar música).





Quem convidar?



Todo mundo deveria
ir à biblioteca.
Sem restrições.

Esta lista é apenas para ajudar a memória:

- pessoas que trabalham em escolas públicas e privadas, creches, Secretaria da Educação
- pessoas de outras bibliotecas
- a vizinhança da biblioteca
- pessoas de rádios (inclusive comunitárias) e jornais
- alunos
- famílias de alunos
- mães com bebês
- líderes comunitários (e membros de suas associações)
- comerciantes locais
- agentes de saúde
- membros de associações de moradores, de voluntários, de aposentados...
- artistas / escritores / artesãos da região
- ONGs
- representantes de Conselhos Tutelares da Infância e Adolescência
- representantes da prefeitura e das Secretarias Municipais

Preparação dos textos para a leitura

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta, pobre ou
terrível, que lhe deres:
trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

Os olhos à frente da boca

É também uma questão de prática, pois enquanto você
pronuncia o que precede, você tem que ver o que vem a
seguir. Coisa muito difícil para o espírito, que deve ficar
dividido, de maneira que a voz faça uma coisa e os olhos
façam outra.

Quintiliano (século I), em A instituição oratória

Para que preparar os textos para ler ?

*Para ter o **máximo de conforto durante a leitura** (tamanho do documento, maneira de segurar o livro ou a folha, iluminação adequada sobre a página...)*

*Para aumentar o **tamanho do campo visual** e facilitar o **movimento dos olhos**.*





Sim, leia diretamente no livro  ou ponha a folha dentro dele (é mais bonito para quem vê e mais prático para quem lê)!

Sim,  prepare o texto no computador e imprima, se você vai fazer muitos cortes (fica mais homogêneo e fluido para ler).

Sim, corte e cole os textos preparados num caderno,   se não quiser pô-los dentro do próprio livro (a leitura flui melhor).

As marcas a fazer no texto da leitura (ou na margem)

Ler em voz alta é como dirigir um automóvel. Você tem que antecipar o tempo todo. Por isso, o leitor põe '**sinais de trânsito**' no texto, para não ser apanhado de surpresa.



As ligações que soam bem ~

As ligações a não fazer \

As respirações e cortes /

Os ↗ ataques de frases e os ↘ finais

Os parênteses e outras marcas () – “

”

...

Os acidentes (aquelas palavrinhas que fazem engasgar)

Procrastinação

As palavras de valor (aquelas que você quer **destacar**).

Os trechos em que você precisa tomar cuidado e caprichar, como aqueles com uma fila de palavras que significam a mesma coisa, ou uma sequência de verbos, ou de qualidades...

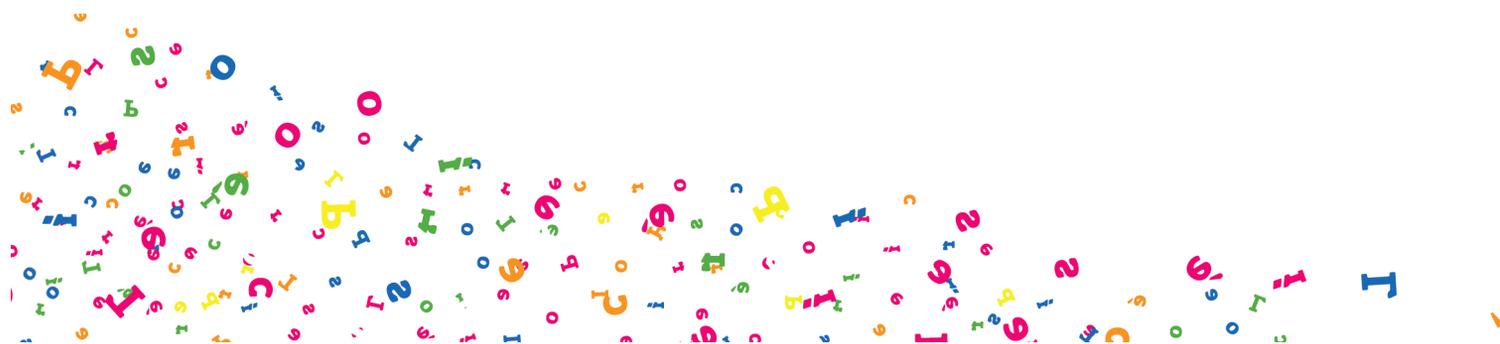
...fácil, rápido, direto, simples, claro, límpido...

...vozes veladas, veludas vozes...

...nascido, crescer, amar, casar, partir, voltar...

(Em trechos como esses, você deve recorrer

aos recursos que tornam a leitura **viva** – veja nas páginas 17 e 18.)



Faça um programa para a leitura

Título dos textos

Gêneros (romance, conto, poema, texto técnico, crônica...)

Nomes dos autores e suas nacionalidades

Nomes dos tradutores

Nomes das editoras

Duração da leitura (para dar uma ideia aos ouvintes do que vem pela frente)

Você tem toda a liberdade para criar seu próprio programa e escolher os textos que vai ler!

No final, você encontra um exemplo de programa para uma leitura pública no Dia dos Namorados.

Prepare sua leitura (e leia) com o relógio na mão

O tempo máximo para cada trecho:

12 minutos.

Quem ouve deve ficar com **vontade de ouvir mais**.

Melhor pecar por falta que por **EXCESSO!**

Afinal, se a pessoa quiser mais, vai **encontrar o livro na biblioteca**, e é isso mesmo que a gente espera que aconteça!



Prepare sua leitura com todos os recursos para que ela se torne **viva** :



Modulação da voz: varie a velocidade (**rápido, l e n t o** , normal), a altura (agudo, grave, médio), o volume (forte, fraco, médio)



Ritmos e quebras: não deixe sua leitura ficar monótona



Silêncios e retomadas : faça suspense



Ruídos e onomatopeias: use sons da natureza e dos objetos para dar brilho às palavras



Mudanças de voz de acordo com quem fala (a voz do narrador, a voz de criança, a voz do adulto...)



Canções e melodias cantaroladas ou assobiadas



Simplicidade (uma leitura pública não é uma ópera nem uma peça de teatro)



Proximidade das pessoas (você e seu público devem se divertir juntos com a leitura)



Senso de improvisação (salva você de qualquer “incidente” de leitura)



Crie imagens mentais enquanto lê

Este é o grande mandamento do **leitor público**,
porque...

Se você vê de verdade,
dentro de si mesmo, o que
você lê, os ouvintes vão ver
de verdade o que escutam,
e sua leitura vai ser

um verdadeiro **cinema** !!!



O lugar onde você vai se colocar para ler

Nem sempre a gente tem as condições ideais, mas sempre é possível aproveitar melhor o espaço disponível.

Aqui vai uma lista para você se orientar na escolha do local para ler:

Evite as perturbações sonoras (máquinas ligadas, banheiros muito perto, vaivém de pessoas, telefone, animais, trânsito intenso, vento...)

Escolha um **fundo neutro**, se for possível: nada que chame muita atenção do público, nada de quadros e cartazes, nem janelas dando para um local movimentado, nem livros.

Verifique se a sala em que vai ler não tem **eco** (que atrapalha bastante), ou se, ao contrário, não abafa a voz (o que exige muito esforço para ler).

Providencie **iluminação que não agrida o público** e que **não seja muito fraca** para ler. Marc Roger insistiu muito nisso, durante a formação de leitores públicos: **Não se coloque diante da luz do sol ou de uma janela, porque isso atrapalha a visão do público.**

Atenção para não ficar com uma parte do **texto na sombra**: isso vai ficando muito cansativo, depois de alguns minutos de leitura.

Instale-se para ler de modo a ficar **de frente para a entrada do público**, nunca de costas para a porta de entrada!

Lembre-se : **o mais importante de tudo é favorecer a escuta, sempre a escuta!**



A arrumação do local da leitura pública

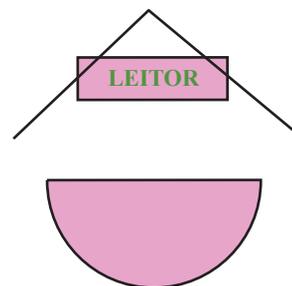
O melhor é sempre o formato de semicírculo, para que todos estejam ao alcance dos seus olhos e da sua voz.

O lugar deve ficar simpático, e não parecendo uma sala de aula à moda antiga.

Os ângulos ajudam na difusão da voz e no movimento do seu olhar pela plateia. Se possível, fique num dos cantos da sala.

Fique perto do público.

Lembre-se de experimentar vários lugares, para testar se todo mundo vai ter boa visibilidade.



🎵 Calma e serenidade são muito importantes antes de uma leitura. Se você quiser e puder, providencie uma **música tranquila**, sem exagerar no volume. Isso ajuda para que as pessoas cheguem e se acomodem rapidamente, pois dá a impressão de que alguma coisa está prestes a começar.

🎵 Tudo deve estar **prontinho** na hora em que as pessoas começarem a chegar – principalmente se houver crianças! Se as pessoas começam a chegar enquanto você está arrumando a sala, logo logo você vai se ver tendo que acalmar uma verdadeira confusão!

🎵 Prepare tudo com antecedência e relaxe antes da hora marcada para o início.

Não se esqueça de testar o aparelho de som para confirmar que ele está funcionando bem e que não há problemas com o disco.



Recepção do público



É você quem decide a hora de as pessoas entrarem.



Entregue a cada pessoa o programa da leitura.



Se você vai ler para adolescentes ou crianças, lembre-se de fazer entrar no máximo **10** de cada vez, acomodá-los e pedir que respeitem o silêncio.



Se possível, cumprimente cada pessoa que chega para a leitura. Isso pode ser feito ao entregar o programa.

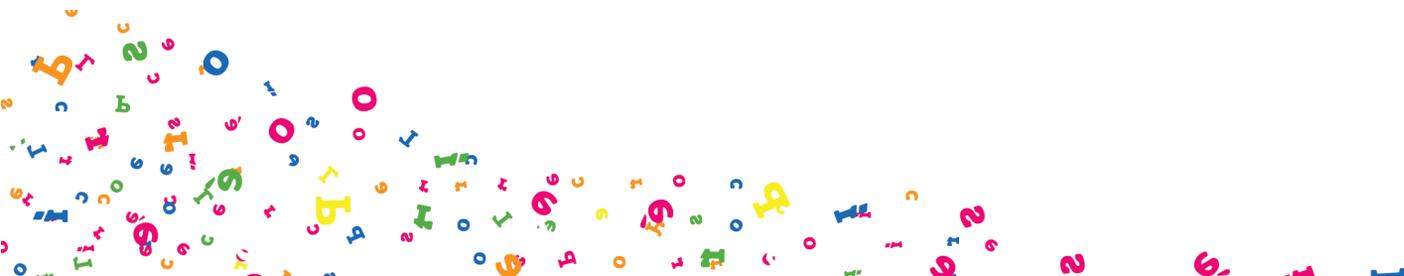
Chegou a hora da sua leitura pública...

Vale a pena lembrar o que escreveu Lucila Pastorello:

Voltando à ideia de leitura como gesto: uma ação dirigida ao outro.

Quem lê usa seus olhos, seu cérebro, seus pulmões, sua laringe, sua boca e também o resto do corpo.

Se ler é prazer, deixe que o livro leve seu corpo, que as palavras entrem e saiam de você.



Saboreie as letras.

No início, pode ser estranho emprestar sua voz ao texto.

Leia muitas vezes o mesmo texto, sozinho e acompanhado.

Grave sua leitura.

Ouçã a gravação e anote suas impressões.

Conviver de maneira insistente e pacífica com diferentes formas de usar a voz e o corpo pode fazer você descobrir novas formas de expressão.

Procure assinar sua leitura. Deixar sua marca, sem caricaturas ou “fazer tipo”.

Não esqueça: se quer fazer da leitura um momento agradável, você deve estar confortável.

Sente-se e acomode-se.

Mude sua posição, se for necessário. Perceba e elimine incômodos e tensões no seu corpo que possam atrapalhar.

Finalmente, ajuste sua voz, para não se cansar e poder modular com facilidade.

Respire sempre sem esforço e sem dificuldade.

Você vai ver como o livro pode fazer bem ao seu corpo!!!



A Mulher-Livro, o Homem-Livro

Antigamente, em séculos distantes, o leitor público era a única aproximação possível dos livros para as pessoas, quase sempre analfabetas.

E hoje? As pessoas continuam gostando de OUVIR ALGUÉM LER. Quando alguém começa a ler em voz alta na rua, logo junta gente de toda idade para escutar, em qualquer lugar do mundo.

E quem lê em voz alta vira Mulher-Livro ou Homem-Livro. É por isso que fazer leitura pública é um bom jeito de atrair as pessoas para a leitura e para as bibliotecas.

ATOR, CONTADOR, LEITOR PÚBLICO: CADA QUAL NO SEU PAPEL

Um **ator** decora o texto que alguém escreveu e repete-o de cor, dando-lhe vida com seu talento.

O **ator** é o centro das atenções numa **representação teatral**.

Um **contador** de histórias aprende e conta com suas próprias palavras histórias que alguém inventou.

O **contador** é o centro das atenções numa **contação**.

Um **Leitor público** lê tintim por tintim o que um escritor escreveu, do jeito que ele escreveu, tendo o cuidado de tentar se tornar quase transparente para que quem ouve entre no livro.

Tem mais: um leitor público fala para os ouvintes quem foi que escreveu.

O livro é o centro das atenções numa **atividade de leitura compartilhada** e é por isso que consideramos a leitura pública como a atividade mais importante e adequada para animar as bibliotecas ou torná-las presentes em outros cantos da cidade.

Relaxe.

Você preparou tudo com cuidado, e agora vai **fazer uma coisa de que gosta** e para a qual certamente **tem habilidade** (esta aumenta com a prática, mas depende, essencialmente, de sua vontade).
Você pode ser um **leitor público**, e levar o que está nos livros até mesmo a pessoas que não leem, ou que têm dificuldade para ler. É um trabalho de enorme importância, num mundo em que tanta gente vive sem acesso à cultura e à informação.
Respire fundo, faça alguns exercícios para relaxar os músculos do rosto e do corpo, e...

Boas leituras!

Exemplo de programa de leitura pública

Venha comprovar: o amor é igual para todo mundo, escritor ou não.

E as palavras da literatura dão voz ao **coração** humano.

Leitura Pública Dia dos Namorados

12 de junho de 2011

18:30

Biblioteca Comunitária Ler é Preciso

Rua das Margaridas 55, fundos

Leitora: Maria Aparecida Gomes

Programa:

- "Na varanda", "Capitu", "Olhos de ressaca", "O penteado", "Sou homem"- *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (30 minutos)
- "Um olhar", *Memórias inventadas - A segunda infância*, de Manoel de Barros (2 minutos)
- "O nome", "Confronto", "Nascer de novo"- *A paixão medida*, de Carlos Drummond de Andrade (5 minutos)

Bem-vindo à sua Biblioteca Comunitária!
Este espaço é um local de **encontros** e de acesso democrático à **cultura**, ao **lazer** e aos conhecimentos que os **livros** nos oferecem.

(Este é só um exemplo. Que sirva de ponto de partida para suas próprias ideias de festas que podem virar leituras públicas!)

Exemplo de texto marcado para leitura pública

As marcas que aparecem no texto a seguir são as mesmas indicadas na página 27. Se tiver dúvida sobre o que elas significam, dê uma olhada lá. É apenas um exemplo para usar ou modificar ao inventar sua própria marcação, porque o importante é que fique claro e sirva de apoio para você, ao se preparar para ler e ao ler em voz alta diante de seu público. A marcação foi iniciada para você continuar, para exercitar-se e descobrir sua própria marcação.

Observe que o texto aparece estreitinho na página, para facilitar o passeio dos olhos de quem lê e evitar que perca o fio da meada e das frases...

Lembre-se também de que é útil **criar imagens mentais enquanto lê**. Neste caso, entregue sua imaginação à história da descoberta do amor do adolescente Bentinho (15 anos) por sua vizinha Capitu (14 anos), nos anos 1800. Imagine as casas, as roupas, os comportamentos, como as pessoas se relacionavam, o jardim, os móveis...

Num piscar de olhos, você vai estar em novembro de 1857, num casarão da rua de Mata-Cavalos... Com o gênio de Machado de Assis pondo palavras na paisagem e na cena humana. Veja só:

NA VARANDA

(acelerar)

Parei na varanda; ia tonto, atordoado, as pernas bambas, o coração parecendo querer sair-me pela boca fora.

Não me atrevia a descer à chácara, e passar ao quintal vizinho. Comecei a andar de um lado para outro, estacando para amparar-me, e andava outra vez /e estacava.

Vozes confusas repetiam o discurso do José Dias:

"Sempre juntos..."

"Em segredinhos..."

"Se eles pegam de namoro..."

Tijolos que pisei ~e repisei naquela tarde, colunas amareladas que me passastes à direita ou à esquerda, segundo eu ia ou vinha, /em vós me ficou a melhor parte da crise, a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, ~e logo me dispersava, ~e me trazia arrepios, ~e me derramava não sei que bálsamo interior. /Às vezes dava por mim, sorrindo, um ar de riso de satisfação, que desmentia a abominação do meu pecado.

E as vozes repetiam-se confusas:

"Em segredinhos..."

"Sempre juntos..."

"Se eles pegam de namoro..."

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade.

Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros. ↗

Pássaros, borboletas, uma cigarra que ensaiava o estio, toda a gente viva do ar era da mesma opinião. ↘

Com que então eu amava Capitu, e Capitu a mim?

Realmente, andava cosido às saias dela, / mas não me ocorria nada entre nós que fosse deveras secreto. Antes dela ir para o colégio, eram tudo travessuras de criança; depois que saiu do colégio, é certo que não restabelecemos logo a antiga intimidade, mas esta voltou pouco a pouco, e no último ano era completa. Entretanto, a matéria das nossas conversações era a de sempre.

Capitu chamava-me às vezes bonito, mocetão, uma flor; outras pegava -me nas mãos para contar-me os dedos. E comecei a recordar esses e outros gestos e palavras, o prazer que sentia quando ela me passava a mão pelos cabelos, dizendo que os achava lindíssimos.

Eu, sem fazer o mesmo aos dela, dizia que os dela eram muito mais lindos que os meus.

Então Capitu abanava a cabeça com uma grande expressão de desengano e melancolia, (tanto mais de espantar quanto que tinha os cabelos realmente admiráveis); mas eu retorquia chamando-lhe maluca. Quando me perguntava se sonhara com ela na véspera, - e eu dizia que não, ouvia-lhe contar que sonhara comigo, / ↗ e eram aventuras extraordinárias, que subíamos ao Corcovado pelo ar, que dançávamos na Lua, ou então que os anjos vinham perguntar-nos pelos nomes, a fim de os dar a outros anjos que acabavam de nascer. Em todos esses sonhos andávamos unidinhos.

Os que eu tinha com ela não eram assim, apenas reproduziam a nossa familiaridade, e muita vez não passavam da simples repetição do dia, alguma frase, algum gesto. Também eu os contava. Capitu um dia notou a diferença, dizendo que os dela eram mais bonitos que os meus; eu, depois de certa hesitação, disse-lhe que eram como a pessoa que sonhava... Fez-se cor de pitanga.,

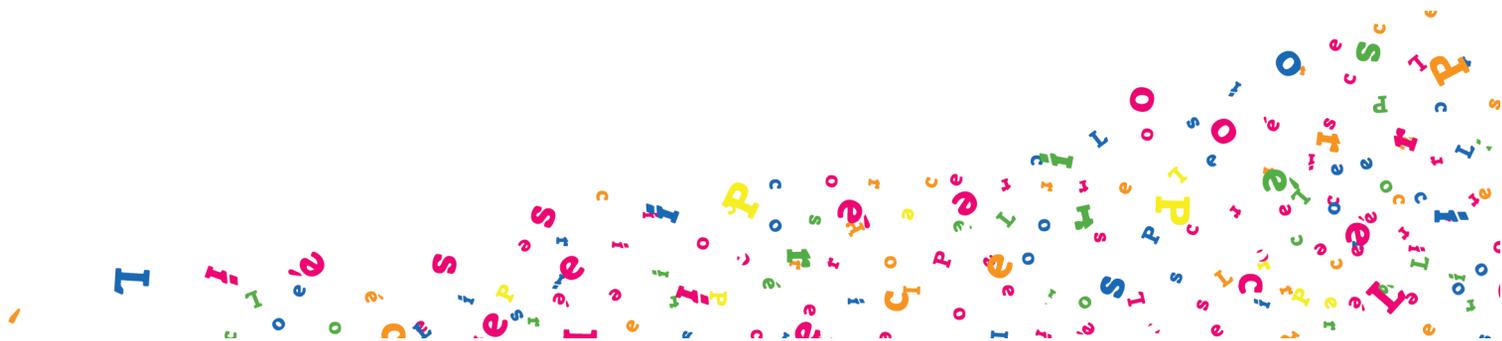
Pois, francamente, só agora entendia a comoção que me davam essas e outras confidências. A emoção era doce e nova, mas a causa dela fugia-me, sem que eu a buscasse nem suspeitasse. Os silêncios dos últimos dias, que me não descobriam nada, agora os sentia como sinais de alguma coisa, e assim as meias palavras, as perguntas curiosas, as respostas vagas, os cuidados, o gosto de recordar a infância. Também adverti que era fenômeno recente acordar com o pensamento em Capitu, e escutá-la de memória, e estremecer quando lhe ouvia os passos.

Se se falava nela, em minha casa, prestava mais atenção que dantes, e, segundo era louvor ou crítica, assim me trazia gosto ou desgosto mais intensos que outrora, quando éramos somente companheiros de travessuras. Cheguei a pensar nela durante as missas daquele mês, com intervalos, é verdade, mas com exclusivismo também.

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a eterna Bondade, nem as demais Virtudes eternas.

Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie.

Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira.



CAPÍTULO XIII

CAPITU

De repente, ouvi bradar uma voz de dentro da casa ao pé:

— Capitu!

E no quintal:

— Mamãe!

E outra vez na casa:

— Vem cá!

Não me pude ter. As pernas desceram-me os três degraus que davam para a chácara, e caminharam para o quintal vizinho. Era costume delas, às tardes, e às manhãs também. Que as pernas também são pessoas, apenas inferiores aos braços, e valem de si mesmas, quando a cabeça não as rege por meio de ideias. As minhas chegaram ao pé do muro. Havia ali uma porta de comunicação mandada rasgar por minha mãe, quando Capitu e eu éramos pequenos. A porta não tinha chave nem taramela; abria-se empurrando de um lado ou puxando de outro, e fechava-se ao peso de uma pedra pendente de uma corda. Era quase que exclusivamente nossa. Em crianças, fazíamos visita batendo de um lado, e sendo recebidos do outro com muitas mesuras. Quando as bonecas de Capitu adoeciam, o médico era eu. Entrava no quintal dela com um pau debaixo do braço, para imitar o bengalão do doutor João da Costa; tomava o pulso à doente, e pedia-lhe que mostrasse a língua. "É surda, coitada!", exclamava Capitu. Então eu coçava o queixo, como o doutor, e acabava mandando aplicar-lhe umas sanguessugas ou dar-lhe um vomitório: era a terapêutica habitual do médico.

— Capitu!

— Mamãe!

— Deixa de estar esburacando o muro; vem cá.

A voz da mãe era agora mais perto, como se viesse já da porta dos fundos. Quis passar ao quintal, mas as pernas, há pouco tão andarilhas, pareciam agora presas ao chão. Afinal fiz um esforço, empurrei a porta, e entrei. Capitu estava ao pé do muro fronteiro, voltada para ele, riscando com um prego.

O rumor da porta fê-la olhar para trás; ao dar comigo, encostou-se ao muro, como se quisesse esconder alguma coisa. Caminhei para ela; naturalmente levava o gesto mudado, porque ela veio a mim, e perguntou-me inquieta:

— Que é que você tem?

— Eu? Nada.

— Nada, não; você tem alguma coisa.

Quis insistir que nada, mas não achei língua. Todo eu era olhos e coração, um coração que desta vez ia sair, com certeza, pela boca fora. Não podia tirar os olhos daquela criatura de quatorze anos, alta, forte e cheia, apertada em um vestido de chita, meio desbotado. Os cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma à outra, à moda do tempo, desciam-lhe pelas costas. Morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo. As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. Calçava sapatos de duraque, rasos e velhos, a que ela mesma dera alguns pontos.

— Que é que você tem? repetiu.

— Não é nada, balbuciei finalmente.

E emendei logo:

— É uma notícia.

— Notícia de quê?

Pensei em dizer-lhe que ia entrar para o seminário e espreitar a impressão que lhe faria. Se a consternasse é que realmente gostava de mim; se não, é que não gostava. Mas todo esse cálculo foi obscuro e rápido; senti que não poderia falar claramente, tinha agora a vista não sei como...

— Então?

— Você sabe...

Nisto olhei para o muro, o lugar em que ela estivera riscando, escrevendo ou esburacando, como dissera a mãe. Vi uns riscos abertos, e lembrou-me o gesto que ela fizera para cobri-los. Então quis vê-los de perto, e dei um passo. Capitu agarrou-me, mas, ou por temer que eu acabasse fugindo, ou por negar de outra maneira, correu adiante e apagou o escrito. Foi o mesmo que acender em mim o desejo de ler o que era.



CAPÍTULO XIV

A INSCRIÇÃO

Tudo o que contei no fim do outro capítulo foi obra de um instante. O que se lhe seguiu foi ainda mais rápido. Dei um pulo, e antes que ela raspasse o muro, li estes dois nomes, abertos ao prego, e assim dispostos:

BENTO

CAPITOLINA

Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós. Não nos movemos, as mãos é que se estenderam pouco a pouco, todas quatro, pegando-se, apertando-se, fundindo-se. Não marquei a hora exata daquele gesto. Devia tê-la marcado; sinto a falta de uma nota escrita naquela mesma noite, e que eu poria aqui com os erros de ortografia que trouxesse, mas não traria nenhum, tal era a diferença entre o estudante e o adolescente. Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias de latim e era virgem de mulheres.

Não soltamos as mãos, nem elas se deixaram cair de cansadas ou de esquecidas. Os olhos fitavam-se e desfitavam-se, e depois de vagarem ao perto, tornavam a meter-se uns pelos outros... Padre futuro, estava assim diante dela como de um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o Evangelho.

A boca podia ser o cálice, os lábios a patena. Faltava dizer a missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha devota; a limpeza da intenção lava o que puder haver menos curial no estilo. Estávamos ali com o céu em nós. As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas uma só, mas uma só criatura seráfica. Os olhos continuaram a dizer coisas infinitas, as palavras de boca é que nem tentavam sair, tornavam ao coração caladas como vinham...

Obs.: Toda a obra de Machado de Assis está no site <http://machado.mec.gov.br/> Como nem sempre é possível marcar no livro, você pode imprimir ou fazer cópia dos trechos escolhidos para marcar à vontade, e mesmo recortar e fazer montagens e colagens. Mas não se esqueça de ler com o papel firme, se possível dentro do livro (para que este esteja como deve: no centro de atenção na leitura pública. Como diz Marc Roger, **um leitor público é um Homem-Livro**).





BIBLIOTECA VIRTUAL FUTUREO

Quando a palavra está na ponta da língua, na ponta da caneta, na ponta do teclado, tornamo-nos donos da nossa história. Para aprender e gostar de ler e escrever, é preciso percorrer um longo e cotidiano caminho, que começa no colo dos pais e se estende pelas escolas e bibliotecas. Ler todo dia rima com Biblioteca Todo Dia. O Instituto Ecofuturo trabalhou desde 2006 para viabilizar o Dia Nacional da Leitura em 12 de outubro, celebrado desde 2009.

Desde 1999, contribui com a implantação de Bibliotecas Comunitárias e está colaborando com a efetividade da lei 12.244 de 2010, que determina que até 2020 todas as escolas do país devem ter uma biblioteca. Participe desta rede nacional de mobilização para que livros, leituras e leitores estejam no cotidiano do Brasil.

Saiba mais em www.ecofuturo.org.br



PRESIDENTE

Daniel Feffer

SUPERINTENDENTE

Marcela de Macedo Porto Mello

EDUCAÇÃO E CULTURA

Christine Castilho Fontelles

Palmira Petrocelli Nascimento

Daniele Juaçaba

Vanessa de Jesus Espindola

Mariana Limeira

MEIO AMBIENTE

Paulo Groke

Guilherme Rocha Dias

Camila Pessin Bonassio

Julia de Lima Krahenbuhl

Michele Cristina Martins

Alexandre Oliveira da Silva

Cléia Marcia Ribeiro de Araújo

Marcos José Rodrigues do Prado

Roberto Francisco Ventura Lau

David de Almeida Santos

Fernando de Faria

Marcelo Lemes de Siqueira

Marcelo Rogério de Santana

Maurício Rodrigues Prado

Ricardo Silva de Souza

DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Rachel Barbosa Carneiro de Sousa

CONSELHO DIRETOR

Daniel Feffer

David Feffer

Jorge Feffer

Antonio dos Santos Maciel Neto

Murilo César Lemos dos Santos Passos

Jacques Marcovitch

Claudio Thomaz Lobo Sonder

REALIZAÇÃO

INSTITUTO
ECOFUTURO

www.ecofuturo.org.br